

FHC e o destino

O segundo mandato chega ao fim?

Falo com um bom amigo e ele se diz muito assustado. Por quê? Leu um artigo de Raymundo Faoro formulando a hipótese de que Fernando Henrique Cardoso não concluiria seu mandato. Faoro, autor de dois livros indispensáveis ao entendimento da sociedade brasileira — *Os Donos do Poder* e *A Pirâmide e o Trapézio* —, costuma acertar suas previsões, feitas em entrevistas anuais concedidas ao acima assinado de 1979 para cá. Na primeira *IstoÉ*, na *Senhor*, na *IstoÉ* recuperada pela Editora Três, na *CartaCapital*. É uma honra para mim e para as publicações que contingentemente dirijo ter a primazia dessa fala anual de Faoro, e não vai nisso o mais tênue pingo de retórica.

Enfático, o amigo proclama: "Faoro é o nosso profeta". Por exemplo, há mais de um ano, quando ainda andava ao meio a campanha eleitoral, Faoro avisou que o segundo mandato de FHC seria "um pesadelo", com graves riscos para o governo e para o país. Gravíssimos.

Diga-se que na época o presidente da República exibia o sorriso radioso de quem já ganhou e manobrava seu spot para expor à execração pública os catastrofistas e os fracassomânicos. As Cassandras.

É possível que os dons divinatórios dos profetas não finquem raízes na paranormalidade, e sim, simplesmente, na razão. No exercício arguto do raciocínio, na prática isenta do espírito crítico. Não quero diminuir Raymundo Faoro, um dos intelectuais e dos cidadãos que mais admiro, mas a situação que vivemos hoje estava escrita. Maktub, diria Paúlo Coelho.

O Brasil não é o Cebrap — Que o real foi mantido a todo custo, com terríveis sacrifícios para a nação, a fim de garantir o argumento principal da reeleição, todos sabem. Que FHC engodou seus eleitores ao ter de desvalorizar a moeda 12 dias depois da segunda posse é fato irrecorribel.

Que a política econômica do governo agrediu severamente a indústria e a agricultura nacionais e atrelou o Brasil a negócios e negociações do capital financeiro internacional é coisa compreendida até no mundo mineral. E assim por diante, ao sabor de um neoliberalismo que seria patético não fosse suicida.

A gente se curva aos mandamentos do Fundo Monetário e de Wall Street. Quer dizer, à vontade da metrópole, com todos os seus instrumentos de pressão e convencimento, entre a CIA e os encantos de Miami. Encantos? Outrora o que nos deslumbrava era a Torre Eiffel. Agora, encarem o espelho e perguntam: algo se alterou em seguida à desvalorização forçada pelo próprio mercado em janeiro passado? Pois bem, tudo continua na mesma no quartel de Abrantes. E se nada mudou, por que cargas d'água teríamos de encarar o futuro com otimismo?

De verdade, a crise se agrava à medida que despencam os índices de popularidade do presidente. Nem faz um ano que FHC foi reeleito no primeiro turno e já a larga maioria dos brasileiros gostaria de vê-lo pelas costas. Creio que se trate da mais rápida, vertiginosa queda no ibope de um chefe de Estado em todos os tempos. Parece que o homem não é talhado para o comando de um país. Mais fácil era dirigir o Cebrap, o centro de estudos que obteve emolumentos e subvenções, talvez surpreendentes, de grandes empresários nativos e da Fundação Ford.

A vaidade e a laborfobia — FHC goza de várias famas, nem todas positivas. Na primeira eleição, a mídia se fascinou com seu poder de sedução. Houve um momento em que cheguei a me preocupar, achei que inúmeros colegas estavam revelando pendores

estranhos. Li e ouvi também, vezes sem conta, que FHC era um estadista, ou seja, aquele líder capaz de conduzir o Brasil à contemporaneidade do Primeiro Mundo.

Houve quem acreditasse. Muitos se apaixonaram pela ideia. Tanto maior a deceção quanto maior a esperança frustrada. Hoje, nos mais diversos recantos, colho a convicção unânime de que FHC é infinitamente vaidoso nos mais diferentes domínios. Não sei, ainda que, de quando em quando, perceba na expressão dele uma confiança exagerada no taco, a certeza de estar sempre agradando. Há exemplos notáveis, no entanto, de indivíduos vaidosos que cumpriram suas tarefas de forma excelente.

Não me deteria na questão vaidade. Temo, isto sim, a laborfobia. FHC não é, possivelmente, um intelectual mediocre, um professor de escassa expressão. Pergunto, porém: que livros da lavra dele o senhor, a senhora, guardam sobre seu criado-mudo? A gente diz Gilberto Freire, Sérgio Buarque, Raymundo Faoro, e sabe onde pisar, vem à mente as obras lidas por quem quer conhecer seu país. Não é o caso de FHC. Não excluo que ele pudesse atingir esses níveis, mas, se for, temos aí uma potencialidade descumprida. Traída pela falta de empenho, de garra, de aplicação diligente, na certeza de poder levar as coisas no sorriso e no papo.

O piloto e a esperança sumiram — Certo é que o piloto sumiu. A crise se agrava, não há quem não se sinta a bordo de

um barco desgovernado, à mercê dos vagalhões e falta de timoneiro. Prossegue-se na rota aziaga por força da inércia.

Me arrisco a sustentar que nunca o Brasil viveu dias tão abúlicos e desalentados. Nunca as coisas estiveram tão desarrumadas.

Nunca tão premeditadamente faltaram pontos de apoio e razões de fé.

Recapitulem comigo, a partir da renúncia de Jânio Quadros, agosto de 1961. Parlamentarismo com Jango Goulart. Retorno ao presidencialismo. O golpe de 1964. O golpe dentro do golpe em 1968 com a edição do AI-5. Os anos de chumbo, a repressão desenfreada. O pacote de abril de 1977 e a sequela de casuismos governistas. A distensão que virou a abertura. Fim do AI-5, a anistia impura, a reforma partidária que já engatilhava Tancredo e a Aliança Democrática. Diretas para os governos estaduais em 1982. A campanha das Diretas-Já, empolgante e torpedeada. Indiretas em 1985 para eleger Tancredo. A morte do eleito, de突pido elevado à glória dos altares. Ficamos com Sarney, desastrado na Presidência e na poesia. A Constituinte de meio período.

A presidência Collor e sua consequência inescapável. O processo de impedimento, a ascensão de Itamar. FHC contra o sapo barbudo. Primeiro mandato e seus únicos, escassos objetivos: segurar o real além do tempo e garantir a reeleição.

Não é uma sequência exultante, e ainda assim sempre sobrou alguma esperança. E o que falta agora? E o fundo do poço? Impossível dizer por parte de quem está acostumado a precipitar buraco adentro. Claro que o poder atingiu níveis de prepotência, ferocidade, desfaçatez, hipocrisia e incompetência aparentemente extremos. Isso não quer dizer que esteja disposto a se confundir com FHC. Adotou-o, mas pode deserdá-lo. Não é preciso afundar com o comandante do Titanic. Como descartar, a esta altura, a hipótese de que FHC careça de folego para chegar ao fim do mandato? Ou de que seja reeditado o projeto parlamentarista, para tornar FHC refém da classe política?